Aimé Cesaire

1.ª EDIÇÃO — OUTUBRO 1975
© PRÉSENCE AFRICAINE
Direitos reservados para a língua portuguesa
DIABRIL EDITORA
Rua Infantaria 16, 37-A
LISBOA 3 — PORTUGAL
Capa e ilustração de Dorindo Carvalho

TEATRO | 1
Colecção dirigida por ORLANDO NEVES

Aimé Cesaire

Tradução de
ARMANDO DA SILVA CARVALHO

ADVERTÊNCIA

Como da primeira vez que o traduzi, não pedi a Aimé Cesaire *a liberdade de traduzi-lo a meu gosto. Os signos da exploração colonial afiguram-se-nos perto, muito perto ainda, obviamente.*
Vocábulos que se relacionam com a fauna e flora tropicais não são nossos conhecidos e não me pareceu interessante *acrescentar ao texto referências vagamente eruditas. Alguns passaram, outros transformei-os, outros simplesmente omiti-os.*
Pretendi, ainda por gosto pessoal e maior contenção de gesto, afastar, sempre que possível, certo tom exclamatório que me pareceu secundário na riqueza verbal do texto de Cesaire.
Traduzi, traí. Paciência.
A paciência dos signos, no dizer do autor.

Armando Silva Carvalho

I ACTO

(Ouve-se o Eco, enquanto se ergue, lentamente, o pano)

O ECO

O Rebelde vai morrer.
Não terá direito a bandeiras negras, a salvas de canhão,
a cerimoniais.
Tudo será simples.
E nada será posto em causa, aparentemente.
Mas a sua morte irá fazer vibrar
os corais no mais fundo dos mares
as aves no mais fundo dos céus
as estrelas no profundo olhar das mulheres.
Como um cair de lágrima.
Como um bater de pálpebra.

O Rebelde vai morrer.
Porque nada há a fazer neste universo inválido:
confirmado e prisioneiro de si próprio.
Que o Rebelde morra desta sorte
porque assim foi escrito em filigrana
no vento e nas areias
pelos cascos dos cavalos selvagens
pelo serpentear dos rios.

Mas não são lágrimas o que te convém a ti
caça de morgue;
são os falcões dos meus pulsos
meus pensamentos de sílex
esta invocação surda aos deuses do desastre.

Desafio-te Arquitecto
de olhar azul

toma cuidado, Arquitecto.
A morte do Rebelde será para todos o sinal
de que és o grande construtor
dum mundo pestilento

toma cuidado, Arquitecto

quem te sagrou? em que noite trocaste
o compasso pela punhalada?
arquitecto surdo às coisas claro como a árvore
mas fechado como uma couraça
cada passo dos teus é uma conquista
uma espoliação um contra-senso
um atentado.

Vai deixar este mundo o Rebelde
mundo de estupro onde graças a ti
a vítima continua a ser ignorante e ímpia

arquitecto Orcus sem porta e sem estrela
sem nascente e sem leste
arquitecto de cauda de pavão e passos cancerosos
de palavras azuis de cogumelos e aço
toma cuidado, Arquitecto.

(O pano ergueu-se.
No báratro de pavor, vasta prisão colectiva,
povoada de negros que se candidatam à loucura
e à morte; trinta dias de fome, de tortura e delírio.
Silêncio).

A RECITANTE

Ide para casa, raparigas.
O tempo de brincar acabou.
As órbitas da morte fendem a mica lívida
com olhos fulgurantes.

PRIMEIRA LOUCA *(num tom sério)*

É uma adivinha?

O RECITANTE

É o começo da era das estrelas ardentes.

SEGUNDA LOUCA *(rindo)*

Então é uma história.

O CORO *(ameaçador)*

A ilha estende suas patas de aranha venenosa
sobre a imundície
dos bairros miseráveis.

PRIMEIRA LOUCA

Uh, uh.

SEGUNDA LOUCA

Uh, uh.

O RECITANTE

Respeitai, raparigas, os estranhos que passeiam
sobre a maravilha das sendas do crepúsculo.

(As raparigas afastam-se).

O ADMINISTRADOR

Como ousam pensar que lhes roubámos a terra?
Ocupámo-la, sim,
que é coisa bem diferente.
A quem? A ninguém.
Esta terra foi-nos dada por Deus.
E Deus jamais poderia tolerar que em pleno turbilhão
de energia universal este repouso enorme
esta compressão prodigiosa
esta frouxidão provocante
continuasse inerte.
Sim. Foi ocupada por nós.
Mas não para nós: para todos.
Para que se restituísse ao movimento universal
toda esta estagnação inoportuna.
Como um feitor escrupuloso, como um mandatário fiel
saberemos guardá-la
para que dela todos se aproveitem.

(Senta-se pesadamente).

Povo ingrato.
É ponto a debater, aliás, se existe neste mundo, além
de nós,
algum povo que pense, repito, que pense verdadei-
ramente
e que não rumine a confusa mistura
de qualquer bruma de ideias
trazidas à flor do cérebro
ideias ainda quentes do respirar e do sono.

(Cansado).

Mas nós estamos sós.
E o fardo é bem pesado.
Como custa arrastarmos, sós,
o fardo da civilização.

(Levanta-se e assoma à varanda).

Quem — a não ser nós — poderá
recensear os povos e contabilizar o mundo?
É através de nós que o direito se desembaraça
da herança do instinto imundo
e pode fazer dele uma dedicatória ao Homem.

A AMANTE

Beija-me: a vida espera por nós.
A bananeira despe-se dos seus andrajos
e descobre um sexo violeta. Uma poalha brilha:
e o pelo quente do sol. Um marulhar de folhas vermelhas:
é a crina da floresta. A minha vida está rodeada de ameaças
de vida, de promessas de vida.

O REBELDE

Ó morte onde a fome não causa prejuízo.
Ó dente doce. Dois jovens negros aproximam-se de ti,
caminhando orfãos.
Ó gorda morte, dois jovens esfomeados
caminham de mãos dadas e vão ao teu encontro.
Somos um par crepuscular e vencido.

A AMANTE

Ó mar, ó ressaca, ó rebanho de chamas furibundas,
encrespai a vossa sementeira.

O REBELDE

Ó morte. Dois jovens negros vão para o teu sol;
recolhe-os sossegada e morna.
Morte devoradora de pigmentos, grande igualitária,
grande justiceira, morte envolvente,
embalando os irmãos.

A AMANTE

A hora é bela: abraça-me.
E a beleza é este peso repleto de ameaças
que fascina e seduz até à impotência
o bater desarmado duma pálpebra.

O REBELDE

A beleza é o signo lancinante dum sorriso
na porta fulminada dum semblante.
A morte é a face pedregosa que descobre
a viagem fora das semanas
e das cores ao invés do sol.

A AMANTE

Não calunies o sol. Repara que nem eu
maldigo a sombra.
Tu, sombra que acarinho, que recolhes as fulvas crinas
do sol nos teus ribeiros incertos
ou o vento com seus dedos
de explorador sem pressa.

O REBELDE

Ó morte, ó rainha, ó tecelã de braços expeditos,
ó cardadeira, ó dedos frios sem torpor,
aqui estamos os dois à tua frente
gritando e tropeçando
unidos pela corrente.
Deita ao silêncio simples
a tua lançadeira de versos sumptuosos.

A AMANTE

Meu belo e doce amigo: sem nós o céu ingrato
povoar-se-á de falcões desabridos
sem nós as ostras perlíferas acalmarão com gestos de
dormir
o serpentear da ferida obscura
sob a concha do tempo.
Meu belo e doce amigo: sem nós o vento desflorar-se-á
gemendo na direcção da espera que se encrespa.

O REBELDE

O perfume da mandrágora secou.
A colina enxota com seus cabos. As grandes convulsões
dos vales formam vagas. As aves fazem gestos de aflição
onde os nossos corpos perdidos
baloiçam os seus brancos destroços.

O CORO

Quem é aquele que tarda?
Quem é o que fenece sob o esquecimento?

O SEMI-CORO

pedra de enxofre que caíu das núvens

O SEMI-CORO

arco belo

O CORO

sangue belo

SEMI-CORO

chuva bela

O SEMI-CORO

Ó provocante,

O CORO

Ó provocante. Não consigo expulsar do olhar estas
imagens: devoradoras de terra sobre um campo de argila.

O SEMI-CORO

Nem as cores do disfarce nem as esperanças pintadas
sobre as costas das mãos
ou sobre as palmas das mãos das folhas de palma
me podem consolar.

O REBELDE

Captei no espaço mensagens espantosas.
Cheias de punhais, de noite, de gemidos.
Mais alta que os louvores oiço uma vasta improvisação
de tornados, de golpes de sol,
de malefícios.
Pedras que cozem um dia-a-dia estranho
uma hibernação bebida gota a gota.

A AMANTE

Uma ave sem medo lança um grito
de chama jovem
no cálido ventre da noite.

O REBELDE

Um braseiro enorme de pupilas vermelhas
e de caranguejos.
Uma sementeira à vista, moscas, lenga-lengas absurdas,
más recordações, uma pista de térmitas,
febres que anseiam cura, danos a reparar,
bocejos de crocodilos,
uma imensa injustiça.

PRIMEIRA LOUCA

Os mortos saúdam os gatos pingados.

SEGUNDA LOUCA

Ouvi na tempestade o cão magro da morte.
Olá— magro companheiro.

(Músicas fúnebres).

O REBELDE

Basta, meus amigos. Não sou mais que pastagem, nos sulcos
do meu corpo correm os esqualos.

O CORO

Os Brancos desembarcam, os Brancos desembarcam.

O REBELDE

Os Brancos desembarcam e vão matar as nossas raparigas, camaradas.

O CORO *(aterrado)*

Os Brancos desembarcam. Os Brancos desembarcam.

O SEMI-CORO

Deixai correr as lágrimas.

O SEMI-CORO

Deixai crescer o orvalho.

O REBELDE

Diz-me o que estás a ver.

A AMANTE

Vejo a vida confundida e muita lama.

O CORO

Ainda te lembras?

A AMANTE

Fetos arborescentes...
Torrencial o barulho da água.

O REBELDE

Os cumes... as enseadas... a chuva... arilos de clusia rosea.

A AMANTE

Paisagens de giesteiras, lagos, juncos
e uma chuva de ouro sobre os telhados de zinco enferrujado.

O REBELDE

Apagai-vos rosas de Caná.
Areias de baixa-mar sêde minhas irmãs.
(Entram os bispos que passam sob o báculo do arcebispo).

PRIMEIRO BISPO

Que época. Que bela carnificina cometesteis, filhos meus.

(Senta-se num trono)

SEGUNDO BISPO

Espantosa época, amados irmãos. Vemos o bacalhau da Terra Nova
a lançar-se ele próprio na direcção do anzol.

(Senta-se no seu trono).

TERCEIRO BISPO

Digo que é uma época espantosa.
Ou então assombrosa, como vós quiserdes.

(Senta-se no seu trono).

O QUARTO BISPO

Uma época fálica e fértil em milagres.

(Ri-se de maneira idiota e senta-se no seu trono. Os três primeiros bispos levam o dedo à testa e apontam para o quarto bispo dando a entender que este é louco).

O ARCEBISPO

Eu gosto de animais que tenham pelo sedoso.
Não me mateis os gatos.
Ua. Brrua. U-u-a.

(Os bispos levam o dedo à testa e apontam para o arcebispo dando a entender que este perdeu a razão).

O ARCEBISPO

Estou a ouvir a flauta cor de pérola dos sapos
e a cega-rega estrídula dos grilos no meio da noite.
Uá. Bruaá.

(Os bispos levantam-se e o grupo sai lentamente. Visão de floresta e matagais. De cavaleiros negros).

PRIMEIRO CAVALEIRO

Gaguez dos fetos, guiai-nos.

SEGUNDO CAVALEIRO

Palavras secas das ervas, guiai-nos.

TERCEIRO CAVALEIRO

Cobras envenenadas, guiai-nos.

QUARTO CAVALEIRO

Lucíolos, gritos de sílex, guiai-nos.

QUINTO CAVALEIRO

Guiai-nos, guiai-nos, cegos aloés, vingança atroadora armada pelos séculos.

(O grupo põe-se em marcha e desaparece na floresta).

PRIMEIRA LOUCA

É estranho. A noite passeia as suas feiticeiras.

SEGUNDA LOUCA

Aranhas de bojo enorme entram com gestos de papas nos seus palácios de fios, cumprimentadas pelas térmitas.
Nas ansiosas cavernas do sono a boca dos tubarões agita-se com o cheiro a caça e a carcaça.
As redes protectoras deixaram de existir.
Na contra-corrente, sobre os muros do mar, no paroxismo do mofo, tricotam cefalópedes, esperando e gritando.
Lagoas pantanosas vomitai vossas cobras.

A RECITANTE

A morte chora docemente sobre o peito do vento suave.

O RECITANTE

O fogo lança foices de rapina
sobre os tectos fascinados das casas.

Chegámos ao momento em que a princesa deixou de acreditar no falso fabricante duma chuva hirsuta.

(Estende o ponteiro dum enorme mostrador).

Chegámos ao momento em que a princesa tece, de sorriso em sorriso, uma túnica de chuva insuspeitada.

(Estende o ponteiro dum enorme mostrador).

A RECITANTE

Chegamos ao momento em que...

O GRANDE PROMOTOR

Basta! Basta de baboseiras. Chegámos ao momento em que é preciso convocar estes Senhores.
Ei-los: o Almirante... O Comandante das Tropas...
O Alto-Comissário... o Agrimensor... O Geómetra...
O Juiz... O Grande Abençoador...
O Carcereiro-Mor... e — já me esquecia... O Senhor Banqueiro.

(Ouve-se, repetida e atabalhoadamente, diversas respostas: «Presente». «Cá estou eu». «Pronto», etc.)

O GRANDE PROMOTOR

Ainda bem que todos estão presentes.
Poderemos trabalhar.

(Estende o ponteiro dum mostrador).

Mandai aquecer as máquinas!

(Ouve-se em surdina o barulho duma máquina que vai subindo a pouco e pouco de volume).

O GRANDE PROMOTOR

(Como se recitasse expressões cabalísticas).

Buscai, buscai
por terras, mares e ares
recrutai, recrutai, persegui, persegui.
Mas devagar.
Que nem um grão de terra fique por peneirar, revolver, trabalhar.
Apertai, apertai.
Que a terra inteira gema com o nosso abraço viril.
Derrubai as bandeiras, destrui os deuses.
Que esses nomes bizarros, esses rostos mal feitos, desapareçam sob o nosso hálito!
Atenção, Meus Senhores! O mundo caíu na rede.
Vamos: Peneirai, peneirai.

Chamam-me a Avidez, o Avarento!
Não podemos deixá-los brincar desta maneira.
Eu sou o Descobridor. Eu sou o Inventor.
Eu sou o Unificador.
O que abre o mundo às nações.
Olhai: estendo a mão direita
estendo a mão esquerda
atiro o pé direito
atiro o pé esquerdo.
E tudo me pertence.
A liberdade... A liberdade deles...
Julgavam que podiam deter-me ao lançarem-me aos pés essa palavra oca.
Mas apesar de todas essas alcunhas idiotas
a Humanidade inteira continua a suar, a procurar,
a mourejar, a pensar.
E pergunto eu: será que enfrento...

(Ri-se)

Belo cartão de visita
Estes Senhores serão pois os Grandes Bailarinos da Humanidade
Basta de tonteiras
Eu sou o Expropriador.
Expropriio por utilidade pública.
Vamos Senhores, aos vossos lugares.
Mandai aquecer as máquinas.
Darei cabo de todos aqueles que tentarem entravar-me o caminho.
Eu sou a História que passa.

O RECITANTE

Chegámos ao momento em que a princesa, no limiar
das chamas, faz sinal à sua catatua preferida
cacatu
cacatu
entre o livro vazio dos finos labores defuntos.
Chegámos ao momento em que nove escorpiões
criados pela maldição das almas
entre si se degladiam.

O RECITANTE

Chegámos ao momento em que o vulcão irrompe
dos paióis de coral.
Chegámos ao momento em que a imperatriz decreta
nas grutas do Império toda a inutilidade das caixas compensatórias
e faz tatuar as coxas com chuva de estramónio
onde uma lança flamejada arqueja.

A RECITANTE *(solene)*

Como um arpejo de guitarras sinistras
ergue-se sob as minhas pálpebras
uma aurora ensaguentada de branco.
Toda eu sou atenção.
Caminho sobre os ovos dos preciosos instantes.
Ó, os caminhos frágeis e teimosos e também incertos
do meu reino que é e que não é ainda.
Que belo tempo, monstruosamente belo!

Fazei soltar as semanas, escrúpulos de mundos moribundos.
Fazei soltar as gordas raparigas.
Escumai contra esta espera escabrosa.

O RECITANTE *(humilde)*

Eu sou o que caminha de mãos vazias
de olhar despido suscitando o espectáculo
a garganta que agita contra os dentes cerrados
as palavras vivas que me nascem na boca.

A RECITANTE

Eu sou a mulher obcecada.
A das grandes palavras e que nada entre gladíolos
e rosas de Jericó
na direcção do odor inocente dos cadáveres.

O REBELDE

Isso não é verdade. As lutas acabaram.
As mortes acabaram e com elas os crimes flamejantes.
O orgão da barbárie sussurra cego minutos de silêncio,
a serradura do tempo sem poeira.
Mas este odor a mortos... este sangue que cintila
como se fora vinho numa enorme tina.

A RECITANTE

É preciso bater nas vidraças do sol.
É preciso quebrar os espelhos do sol.
É preciso encontrar no reduto do sol a borla vermelha
e venenosa das formigas lançadas aos quatro ventos.

O RECITANTE

Que tempo maravilhoso! Rilheiros loiros de trigo mais nus que mulheres ao sol brincam na direcção do sol e o sol crepita nos cérebros fechados, diadema minado, árvore do viajante, coração enfeixado, águas assopradas-altamente-geladas e belas.

PRIMEIRA LOUCA

O cheiro da terra revolvida por navalhas de chuva fina.
O dia é um inocente morrer...
Afasto a folhagem de ruídos.
Oiço através das fissuras do cérebro algo que sobe...
...Que sobe...

SEGUNDA LOUCA

Que sobe. Sobe. O sol é um leão que se arrasta louco de patas partidas numa jaula que treme.

A REBELDE *(febril)*

Que sobe, sobe das profundas da terra...
...Esta torrente negra... ondas de ruídos... que se ergue dos pântanos, dos cheiros animais... tempestade que escuma desolada descalça e que fervilha sempre uma coisa diferente

descendo por atalhos dos outeiros, galgando o escarpado das ravinas torrentes selvagens e obscenas
engrossando o caótico dos rios
mares podres, oceanos convulsos, no riso carbunculoso do cutelo e do mau vinho...

PRIMEIRA LOUCA

Na minha mão negra e vermelha lateja
uma aurora de brancos sabugueiros.

SEGUNDA LOUCA

Ao princípio não havia nada.

PRIMEIRA LOUCA

Ao princípio havia a noite.

O REBELDE *(em voz baixa)*

A noite e a miséria camaradas, a miséria e a aceitação animal, a noite sussurrante do respirar escravo
inchando sob os passos do Christóforo
o grande mar da miséria,
o grande mar de sangue negro

a grande vaga de canas açucareiras e de dividendos,
o grande oceano do horror e da desolação.
No final, haverá no final...

(O Rebelde tapa os olhos.
Longe, muito longe, num longínquo histórico
o coro mima uma cena de revolução negra,
cantos monótonos e selvagens, sapatear
confuso, espadas e cutelos, um negro grotesco, o locutor, esbraceja. Um todo sinistro
e burlesco, pleno de ênfase e de crueldade).

O LOCUTOR

Silêncio, meus senhores, silêncio.

PRIMEIRO ENERGÚMENO

Não há silêncio para quem resiste. Somos livres e iguais
em direitos.
Não te esqueças.

SEGUNDO ENERGÚMENO

E eu afirmo: infelizes daqueles que não leram nos muros
do nosso rosto honrado e sem cabresto
o Mane Thecel Phares da tirania.
E mais: sei que irão cair cabeças como frutos do cacauzeiro: morte aos Brancos.

O CORO DOS ENERGÚMENOS

Morte aos Brancos, morte aos Brancos.

(Ecos que repercutem, vociferar e cânticos.
O vazio e o silêncio caem, pesados).

A RECITANTE *(Com voz áspera)*

No final... No final, vejo... Ah, sim, no extremo final...
vejo o trambolhão da besta, o colocar sobre esta merda
histérica das goelas devoradoras, o fraquejar visitado
pelo espanto, a insolência das orações trituradas e sobre
as feridas o pimentão do meu riso e o sal de todo este
meu choro.

O RECITANTE

Ilhas, como eu amo estas palavras frescas onde rondam
dialectos indígenas e tubarões.

A RECITANTE

Sinto a paixão da espera: vejo-me cercada.

O RECITANTE

...Cercada de olhares de pesadelo...

A RECITANTE

Cercada de crianças, de olhares e risos em fuga.

O RECITANTE

Cataratas; eis as cataratas e o canto das aves claro
e assassino.

A RECITANTE *(tirando a máscara)*

Atenção, peço atenção do alto desta vigia
mais perto
por aqui
com voz suave e lenta duma má colheita
e chuva inesperada
a negra nua faz um só corredio.

O RECITANTE *(tirando a máscara)*

Atenção, peço atenção do alto desta vigia
mais perto
por aqui
a canoa dos fibusteiros dá início à pilhagem
sobre um campo de azul: para se distrair.
Bebedeira e deboche. Uma imensa extensão
toma a cor do sol;
na fundura do lago lexívia uma águia de vermelho;
campos de milho, anil de canas açucareiras
a poucas braçadas de profundidade;
clamores de vazio atiram-se ao vazio
para tapar o céu...

O CORO *(cantando)*

Olé, amigos, olá.

SEGUNDO CORISTA *(cantando)*

Olé, amigos, olá.

PRIMEIRO CORISTA

A terra é só fadiga e a minha fadiga
irá fatigá-la.

SEGUNDO CORISTA

O sol é só fadiga e a minha fadiga
irá fatigá-lo.

TERCEIRO CORISTA

A chuva é só fadiga e a minha fadiga
irá fatigá-la.

PRIMEIRO CORISTA

Olé, amigos, olá.

SEGUNDO COREUTA

A minha fadiga é abismo; não haverá sono
que a possa satisfazer.

TERCEIRO COREUTA

A minha fadiga é sede, ó, não haverá bebida
que a possa matar.

O CORO

Olé, amigos, olá. A minha fadiga é uma carroça de areia
insonora sobre as quatro extremas
das searas de pedra.

PRIMEIRA LOUCA *(cantando)*

Onde está aquele que cantará para nós?

O CORO

Na mão direita segura uma serpente
na mão esquerda uma folha de hortelã
seus olhos são gaviões a sua cabeça
uma cabeça de cão.

SEGUNDA LOUCA *(cantando)*

Onde está aquele que nos apontará o caminho?

O CORO

Suas sandálias são de sol desmaiado
suas correias são de sangue fresco.

PRIMEIRA LOUCA *(cantando)*

Preparemos a casa para o hóspede triunfante.

SEGUNDA LOUCA *(cantando)*

Ó cães, ó escorpiões, ó serpentes, ó passos únicos,
passos verdadeiros que subis das trevas.

PRIMEIRA LOUCA *(cantando)*

Preparemos a estrada para o homem cheio de força.

O CORO *(batendo palmas)*

É em vão que se esconde o último dos vivos
e para saudá-lo não são precisos tambores
mandioca das queimadas, fogo dos acampamentos.
Ouvi-me, tenho sede das vossas flechas incendiárias,
do vosso fumo vermelho de pimentos,
do vosso curare.
Para saudá-lo e encorajá-lo não são precisos tambores
dentro do sangue fogo permanente iniciai o fogo
na sombra e no abismo
mil perdões mas é o melhor que temos para oferecer
um incêndio bruxuleante que saúda
com seu bafo um exército obscuro
de sombras azuladas.

PRIMEIRA LOUCA

Ele irá dormir entre os meus seios
como uma folha de hortelã
ele irá dormir entre os meus seios
como um pão de incenso
ele irá dormir entre os meus seios
como um punhal vermelho.

O CORO *(salmodeando)*

Com tuas sandálias de chuva e de coragem, sobe
surge ó iminente
senhor perto das lágrimas, sobe no deserto

como a água e a subida das águas invasoras
de cadáveres e searas;
sobe, iminente senhor, a carne de uma África sombria,
voa em pedaços sobe iminente senhor,
haverá ainda olhares como girassóis
como flores de soja
bandos de aves amorosas belas como o soar
da maçã de Adão no relâmpago duma ira súbita.

A RECITANTE

Ouvi, ouvi. O rei já chegou, o rei pôs pé em terra.
O rei sobe o escaler. O rei alcança o primeiro degrau.
Sobe o segundo. O rei já chegou ao patamar.

O RECITANTE *(calmo)*

Passo a passo o rei vai pôr o pé no fosso camuflado
dos risos movediços.

O REBELDE

Ninguém vai impedir-me de falar aos meus amigos
sem eclipse
lua gorda, erva má, sicómoro sicómoro
estes os meus amores, estas as minhas iras
esta a minha voz sapiente criança que se debruça
sobre a vossa alcova.

O CORO *(longínquo)*

Ergue-te ó rei.

O REBELDE

O rio sem idioma exaspera-se com o movimento
das cinzas
o cabo e a limalha
as aves e os dias
giram com seus ruídos de serradura;
no horizonte ingénuo os animais fantásticos
devoradores de cérebros
poisaram os seus olhos
possuídos pela noite vaporosa.

O CORO *(longínquo)*

Ergue-te ó rei.

O REBELDE

Quero povoar a noite com adeuses meticulosos.

O CORO *(ao longe)*

Ergue-te ó rei.

O REBELDE

Violetas e anémonas erguem-se a cada
passo do meu sangue.

O CORO *(mais longínquo)*

Ergue-te ó rei.

O REBELDE

...Em cada passo da minha voz, em cada gota do meu nome.

O CORO *(mais longe ainda)*

Ergue-te ó rei.

O REBELDE

...Frutos da araucária, ramos de cerejas.

O CORO *(quase perdido na distância)*

Ergue-te ó rei.

O REBELDE *(com voz atroadora)*

...Arcos, sinais, pegadas, labaredas.

O CORO *(gemendo)*

Ergue-te ó rei.

O REBELDE

Levei este país ao conhecimento de si próprio
familiarizei esta terra com os seus demónios secretos
acendi nas crateras de helodermas e de címbalos
as sinfonias dum inferno ignoto, esplêndido
parasitado por altivas nostalgias.

O CORO

Ergue-te ó rei.

O CORO

Ó rei põe-te de pé.

O REBELDE

E agora
só
completamente só
quero excitar a voz
totalmente deserta
esta voz que se lamenta
esta voz que é vasa na embocadura das brumas
sem saída
e não tenho mãe
e não tenho filho.

O CORO

Ergue-te ó rei.

O REBELDE

Agora compreendo. Chusma de sombras retirai-vos,
o vosso ofício acabou.
Bela como a memória despojada do olvidar recente
a vingança ergueu-se com o ouvido do dia
e todas as poeiras que tecem a carne das noites

todas as víboras que salivam a farinha das noites
todas as sereias que assinalam o dorso das noites
obrigaram-me a ver o seu olhar juvenil.
Saúdo agora a derradeira noite
do meu sexo
lar e carvão
sol enraizado nas minas desta força.
Não vos receio fantasmas; sou forte,
exercitei o mar ouvindo chorar os fazendeiros
sobre as ancas fabulosas das manhãs
numa doçura de escândalo e de espuma.

(A luz apaga-se)

O REBELDE

Há vinte anos que esta noite é minha aliada
e sinto-a lentamente a chamar por mim.

(Acendem-se alguns luzeiros)

O REBELDE

Clamei pelos deuses à custa de blasfémias.

(Risos de troça)

Os deuses observam-me, espiam-me e tenho medo
da sua maldade e do seu ciúme.
Os deuses têm um braço comprido, imenso
e as mãos espalmadas.

É impossível escapar
o que eu posso dizer é que estou perdido
o que eu posso dizer é que não posso mais.
Como fazer-lhes ver que não suporto mais?
Não suporto mais.
Não há um floco de sono, um ramo de silêncio
que não esconda um deus
e as vozes clamam que sou um traidor.
Mas não me sinto ingrato.
Prosterno-me na terra, baixo a cabeça
e um cabrito bale no meu coração.

(Detém-se. Surgem algumas figuras mascaradas: são os feitiços: animais fantásticos com enormes focinhos e enormes bochechas brancas).

O REBELDE *(deitado de borco)*

Eis-me. Aqui estou.

(Pausa)

Pintaram de branco o pé da árvore
mas a força da casca não cessa de gritar...

(Pausa)

Porque hei-de eu recear o julgamento dos
meus deuses?
Quem afirmou que traí?

(Pausa)

Eu sou como esses estranhos mendigos
de faces milenárias
que tanto metem medo
como se desfazem ao agradecer esmolas
e que todas as noites entre a madrepérola
são acordados pela fome
uma fome de sol que não acaba
e de moedas de ouro muito antigas.
Volto-me de novo para o vento ignoto
impelido pelas perseguições.
Vou partir
não digam nada não riam
a África dorme, não falem, não riam.
A África sangra, a minha mãe
a África entrega-se fracassada
aos sulcos verminosos
à invasão estéril dos espermatozóides
da violação.

PRIMEIRA VOZ TENTADORA

Que fio é este que se estende sobre as florestas e os rios
os pântanos as línguas e as feras?
Eu não tenho mãe, e nem tenho passado.
Enchi de poeiras e insultos
até ao esquecimento
o pântano cruel que me nasce no umbigo.

O REBELDE

Para trás, carrasco.
Estás a piscar-me o olho
queres a minha cumplicidade.

Socorro socorro assassínio
deram cabo do sol já não existe sol
ficaram apenas os touros de Basan
com um archote aceso na cauda furibunda.
Assassinos assassinos.
Torceram o nariz sobre a carne do negro
e agora estão parados e sorriem.

SEGUNDA VOZ TENTADORA

Acabou-se. Acabou-se tudo. É inútil reclamar.
Acabou-se a acção da justiça.
Reparai, retalharam-lhe o corpo
como a um porco selvagem.
Como um aguti. Como um mangostão.
Quem foi que fez isto? Perguntaram-me quem foi que fez
isto? Não, não fui eu. Eu estou inocente.
Foram eles os cães
eles os homens de beiços cheios de sangue
e de olhar metálico.
Todos vós sabeis que a acção da justiça se extinguiu.
Só o brilho do olhar deles
não se extingue mais.
Assassinos, Assassinos, Assassinos.

O REBELDE

(Avançando entre o báratro de cadáver em cadáver).

As cinzas, o sonho. Faminto, faminto.
Duas mãos ardentes sobre o prato do sol.

Ó mortos... o sadismo do dono e o estertor do escravo
forçadamente coprófago transformam em sinais de
vómito o sorver do
esqualo e o restejar da escolopendra.
Ó mortos em terra aberta.
O cego e belo olhar da terra canta por si próprio
o faltar às aulas, o sobrolho unido dos supremos
labores, a manha sabichona dos colóquios sem rima
nem razão
das areias movediças. A besta dos que provocam
naufrágios,
a chuva dos calvários e das vagas que encantam com
serpentes lenga-lengas
e sargaços o farol desunido entre sangue e sombra.
Ó mortos sem cabresto.
Erguirei com céu, com aves, papagaios, sinos, lenços e
tambores,
fumos ligeiros, ternuras furiosas, tons de cobre, de
nácar, domingos,
bailaricos, palavras de criança e palavras de amor, com
amor, luvas
de criança,
um mundo o nosso mundo
o meu mundo de ombros redondos
de vento de sol de lua de chuva de lua cheia
um mundo de pequenas colheres
de veludo
de tecidos dourados
de montes de vales de pétalas de gritos de corças
assustadas
um dia

outrora
as irmãs gémeas darão as mãos entre si
nas câmaras de tortura
o mundo inclinará lentamente para morrer
a cabeça bicorne
os dias em fila como um rebanho de órfãos
que se dirige à missa
os dias minados de assassinos suaves
soltarão as horas sobre um leite de ervas
dias que parecem cerejeiras bravas
com delicadezas de naves sobre a rota dos cisnes
com seus ares de castelo conhecido por fora
mas oculto por dentro belo como a mentira
que não é mais que o amor por andar em viagem
um dia outrora treva de deus sem deus
portos desconhecidos sempre
sois sempre desconhecidos.

O SEMI-CORO

Homem, tem cuidado.

(A amante aproxima-se...)

II ACTO

O RECITANTE

E eis agora o navegante negro da negra tempestade
o que vigia o negro tempo e a chuva do acaso
ele só sabe falar de tempestades
murado pela paixão negra duma viagem negra
é um velho casmurro, frágil, negra interrogação
do destino no ciclo perdido
das correntes sumárias
a batalha que trava é com ventos e rochas
não é com o sexo nem com o coração...

O REBELDE

Afasta-te. Não passo de um vencido.
Retira-te.
Não sou mais que um destroço
ao sabor do acaso
dedico-me ao vento absoluto
sou o semeador vencido da carne que amolece
exaltado no triunfo salubre das gaivotas.

(Pausa)

conheces Ugadugu — cidade de lama seca?
conheces Djené — cidade vermelha?

O CORO

Não fales dessa maneira.

O REBELDE

Conheces Tombutu?

O CORO

Não fales desse modo.

O REBELDE

Espalhei o meu lenço sobre as águas, sobre as
águas da morte.
Espalhei o meu lenço.
Emprestem-me um guarda-sol para o sol de Ugadugu.

(Pausa)

Passei a noite inteira a puxar
por estas correntes
cujas malhas por tanto ter berrado
se cravaram na carne bruxuleante
e negra.
À minha volta desfilam lentos os minutos
como um bando de lobos esgalgados
como um rebanho de chicotes no ar

como os nós duma escada de corda e de estatutos.
Súbdito indócil vítima perfeita
desafio afixado sobre a fronte dos pântanos
não falo com os deuses
não curo os possessos.
Vamos, de que estás à espera?
Cospe sobre mim
o escarro espesso dos séculos
o que amadureceu em 306 anos.
Mas é tarde demais
amigos não estou para ninguém
para ninguém
salvo para a inundação demasiado frágil
para que as estrelas sobre ela brilhem
ou para esta lama cujos olhos e sexo
há já muito que arderam.
Raparigas correm nos meus olhos que as luzernas
sacodem
e o ruído dos seus pés soa a ribeiros
as suas vozes são árvores sem poeira
e trazem longas blusas de pão
e de planícies.
Para o meu enterro encomendei
um rebanho de búfalos selvagens
mais de cem eunucos sacrifícios tumultos
um trespassar de facas de zagaias de cobre vermelho.
Corpo desgraçado que me serves de leiteira
não quero lançar aos cães dos cardos
a tua carne de feridas.

(A lua surge)

O REBELDE

Lua apodrecida
o amante a amante
a árvore feiticeira
o amante a amante
a colina é um enorme balde de água que não cessa de cair
na luz das fendas dos cílios e das terras
o céu pediu as impressões digitais aos licoreiros
perfumados
fim de mundos de números
é claro que mentiram eu nunca estive presente
na adoração dos magos; só tenho por mim
a minha palavra
graças às terras jovens e à enseada sísmica
e aos pântanos floridos na fronte duma ferida
fénix cicindela catalpa luz clara
esta palavra que estilhaça a face dos túmulos
das cinzas das lanternas
esta palavra que nenhuma química
poderá aprisionar ou cercar
mãos de leite sem fala e sem pudor
— dragão do degelo
meu grande desejo selvagem nu negro
sagaz a sombrio.

(Pausa)

Mas o seu poder está assente
adquirido
requerido.
As minhas mãos mergulham na urze.

Nos campos de arroz.
Possuo uma cabaça de estrelas fortes.
Mas sinto-me enfraquecer.
Ajudem-me.
Encontro-me à beira da metamorfose
afogado e cego
com medo de mim próprio, assustado comigo.
Vós deuses... não sois deuses. E eu sou livre.
A vossa voz limita-se a atirar-me a pedra
da minha própria voz.
O vosso olhar
envolve-me com as minhas próprias chamas.
As vossas facas que sopram à minha volta
saltam dos cactos densos do meu sangue envenenado.
Mas isso é-me indiferente. Salgueiros formam campos
de troncos ferrugentos.
Árvores venenosas andam à minha volta e vomitam
na bílis das suas folhas o punhal
vermelho da lembrança.
E eis as raparigas que intervêm
eis as filhas do fogo
chamarizes do inferno
borboletas vermelhas de cetim com asas mais sonoras
que a palavra e a noite
são elas que varrem a noite com
os projectores das suas próprias nádegas
lança-chamas deitam fogo à vegetação cerrada
dos seus seios e dos seus rins
das suas coxas de leite castanho de mel negro
e de mel vermelho.
Eia, eia papisas do amor

deitai fogo
deitai o fogo dos vossos membrcs vermelhos
dos vossos cabelos vermelhos dos vossos pés vermelhos
deitai fogo às margens vermelhas do vosso púbis vermelho
bombaia
bombaia.

(Desmaia)

O SEMI-CORO

Deitado sobre os dias.

O SEMI-CORO

Deitado sobre as noites.

O SEMI-CORO

Lembro-me das tardes, o crepúsculo era um colibri
azul e verde a brincar no hibisco vermelho.

O SEMI-CORO

Entre os gafanhotos devoradores do ferro
o crepúsculo hesitava estremecendo frágil.

O RECITANTE

Deixem-no dormir.

O CORO

Túnicas sombrias cingem-lhe os rins como se fossem rios.

A RECITANTE

Deixem-no dormir.

O CORO

Mangueiras de Abril, armas claras, ilhas.

O RECITANTE

Deixem-no amadurecer na quente vagem do sono.

A RECITANTE

Deixem-no dormir.
No seu sono há ilhas, ilhas como o sol, ilhas como o pão
espalhado sobre as águas, ilhas como um seio de mulher, ilhas
como uma cama bem feita, ilhas quentes como a mão, ilhas que
sabem a mulher e a champanhe.
Deixem-no dormir... dormir...

O REBELDE *(tentando levantar-se)*

Deixai-me, deixai-me gritar enquanto puder o grito louco virgem
da revolta, quero sentir-me só na minha pele
não reconheço a ninguém o direito
de habitar-me

ou não terei já o direito de estar só
entre as paredes dos meus ossos?
Protesto, não quero companhia, é terrível,
não posso dar um passo sem que me sinta agarrado.
Barrancos, montanhas, lagos
mascando cana, sugando frutos nativos.
A estátua que estamos a erguer, camaradas,
é a mais bela das estátuas.
Erguida pelos corações absolutos, com os braços
do nosso desespero que cresceu por tanto estremecer
no ar pesado e solto que as aves atravessam.
É a mais bela das estátuas, a única onde não
cresce a urtiga: a solidão.

SEGUNDA LOUCA

Basta, deixa-te morrer, cão.

(O Rebelde torna a cair)

A RECITANTE

Deixem-no dormir. Que os marsuínos cheios de areia
avancem entre os altos destroços da tormenta
na direcção da espuma juvenil e revolta.

O RECITANTE *(em tom de confidência)*

Acaso terei sonhado? Havia uma cidade que clamava
e cujas ruas eram feitas de delfins folgazões e de maçãs
de rafia de pele tão delicada que fixavam
as mais pequenas palpitações do amor.

A RECITANTE

Oh, não, eu nunca sonho... e o ar parece aliviado.
Os ruídos chegam até mim abafados pelo rolar dos séculos.
Irei recolhê-los no meu peito de silêncio até que se debata a meus pés esse belo peixe sedento na sua agonia luxuriante de animal mais dourado e polido que todos os outros animais: a vingança...

O CORO

Eu sou o tamborineiro sagrado, ele é aquele que entre a luz tacteante e o mau cheiro lança com gesto seguro a mão lenhosa e o martelo.
Ele é o rei das madrugadas e dos deuses.
Ele é o pescador ruivo das coisas profundas e negras.

O SEMI-CORO *(ausente)*

...Uma mancha de sol amadurece de ouro e rosa
sobre a pele da água.

O SEMI-CORO *(ausente)*

Sim, sim, havia uma buganvília amarela e o grito extenso
e cinzento das palmeiras
e o abraço constritor duma liana carregada de veneno
azul.

O CORO

Uma madrugada justa construía sorrisos
Uma madrugada justa construía esperança
Uma madrugada justa construía palavras simples
mais claras ainda que a relha do arado...
E é sempre para nós a estação das chuvas
e dos animais peçonhentos
das mulheres que se destroem grávidas
por tanto terem esperado.

O CORO

Já te levantaste?

O REBELDE

Já me levantei.

O CORO

Levantaste-te como era preciso?

O REBELDE

Como era preciso.

O REBELDE

É verdade; é mil vezes verdade,
salvé folha morta.

O REBELDE

Presta atenção, ó mundo; existe um país belo
corrompido pelas larvas impúdico e fora de tempo.
Um mundo que cintila com flores enxovalhadas
por cartazes velhos
uma casa de telhas partidas de folhas arrancadas
sem haver tempestade
ainda não
ainda não
voltarei sim mas solene
o amor brilhará no nosso olhar de roças incendiadas
como uma ave livre
um pelotão de execução
ainda não
ainda não
voltarei sim mas com toda a minha provisão
de contrabando
com o vivo amor e vegetal do trigo e dos gafanhotos
de vagas de dilúvio de silvos de braseiros
de signos de floresta de água de relva de água
de rebanhos de água
com o amor amplo das chamas, dos instantes, das colmeias, das peónias, das plantas venenosas, profético de sinais, profético de climas.

O CORO

Facas, doces cânticos,
sangue derramado, pele quente,
massacres, meus massacres, a névoa, esta névoa
abrindo um caminho pouco límpido de jactos de água
lançados pelos eventos do incêndio.

O REBELDE

Trabalha, trabalha dentro de mim, grito armado do meu povo; trabalha em mim
e espezinha, espezinha-me.
Quero que me estale o coração.
Quero que as veias me rebentem.
Quero que os meus ossos ranjam na meia-noite da carne.

PRIMEIRA VOZ TENTADORA

Eu sou a hora rubra a hora desatada e rubra.

SEGUNDA VOZ TENTADORA

Eu sou a hora das nostalgias, a hora dos milagres.

O REBELDE

Ó doçura das mãos que se constroem
e jamais mãos criadoras terão acariciado tanto
a aventura das coisas a criar.
Teimo em lançar ao espesso focinho do presente
a palavra: «um dia»
um dia em que o céu surja com suas planícies de sol pleno
e em que não haja uma só nuvem
que não tenha sentido a minha mão alizando-lhe as penas
frágeis penas de ave
que estremece à beira do seu ninho.

(Ouve-se muito ao longe gritos de «Morte aos Brancos»)

O REBELDE

Fui eu quem gritou: Morte aos Brancos?
Ou foram eles que julgaram consolar-me
com esse grito selvagem?

(Reflecte)

A hora em que me encontro é uma hora
de ajuste de contas.
Mas como dizer isto? Que palavras posso eu empregar?
O acto foi lavrado por mãos criminosas
assinado com sangue
e não com tinta.
Não quero fugir às instâncias do interrogatório.

Ressentimento? Não. Eu denuncio a injustiça.
E de forma alguma quero trocar o lugar
pelo do carrasco
e retribuir-lhe com a mesma moeda
do seu comércio sangrento.

Ódio? O ódio significa ainda dependência.
O ódio é tabuleta de madeira
presa ao pescoço do escravo e que não lhe permite
os movimentos livres.
É o longo uivar do cão que nos prende a garganta.
E eu, duma vez para sempre,
recusei ser escravo.
Infelizmente as coisas não são assim tão simples.
E quando não se grita «morte aos brancos»

está-se a aceitar a esterilidade fétida
dum campo abandonado.
Mas se não se gritar: «morte» ao grito de «morte aos brancos»
a pobreza de ânimo será ainda maior.
Esse grito é para mim
como a química do estrume
que vale porque morre e faz renascer uma terra sem peste, rica, aprazível e onde a relva cresce
sempre renovada.
Mas como deslindar tamanhas coisas?
Penso no mundo como na floresta.

Na floresta nasce o embondeiro, o carvalho
os pinheiros negros, a nogueira branca.
Que todas estas árvores cresçam fortes e firmes
diversas na madeira no porte e na cor
mas todas inundadas duma seiva idêntica
e que nenhuma delas possa impedir as outras,
diferentes na raiz
mas oh!

(extático)

que as suas copas se reunam lá no alto
no éter igual formando para todos
um tecto único
um único tecto tutelar.
Coração triste.
Passei os dias a moer o trigo entre as pedras.
As noites, a vigiar o despertar do fogo.

E eis a Madrugada, doçura minha,
com estas mãos rasgadas
tentarei agarrar, inteiras,
as rédeas dos teus rubros cabelos.

(A amante penetra na cela)

A AMANTE

Oh, meu amigo.

O REBELDE

(libertando-se dela com doçura)

É tarde é muito tarde já
amiga não estou para ninguém
para ninguém.

A AMANTE

Chego a pensar se o teu amor é verdade.

O REBELDE

Quando o vento de obsidiana passa
não devemos carregá-lo com palavras violentas.

A AMANTE

Sei que o destino é um cavalo que se domina
mas talvez um grito de criança
o grito do teu filho...

O REBELDE

...nascido do meu sangue mais impetuoso
do zénite do meu amor
marcado pelo meu fogo será também fogoso
e alimentado pelo meu exemplo.

A AMANTE

O teu filho não precisa de exemplos.
Precisa de pão, de cuidados, de noites sem dormir.
O teu filho tem fome de calor, de ternura,
duma presença atenta e vigilante...

O REBELDE

Que queres dizer com isso?

A AMANTE

É preciso viver.

O REBELDE

Viver. Viver essa vida que vocês me oferecem.
Obrigado. É isso que vos perde
e que perde o país. Querer a todo o custo
justificar-se por aceitar o inaceitável.
Eu quero ser aquele que recusa
o inaceitável.
Sobre a vossa vida resignada
quero edificar, como a dácita que o vento penteou,
o monumento sem aves da Recusa.

A AMANTE

Para mim o absoluto é a vida, é o sol,
és tu. Sou eu, é o nosso filho
que quer viver e que tu sacrificas
a quimeras.

O REBELDE

Quimeras? Não é porque o sol tarda
que duvidas que ele deixe de nascer.

A AMANTE

O sol nasce todos os dias.

O REBELDE

Também o nosso sol todos os dias nasce.
Subindo pouco a pouco na direcção do zénite,
arrastando consigo milhares de corações.

A AMANTE

Palavras. O que dizes são apenas palavras.
Vamos, confessa que te dá prazer embelezares a morte.
Mas presta atenção, amigo; eu sou aquela
que se interpõe no teu jogo
e grita desalmada.

O REBELDE

Ouve mulher, não me enfraqueças
com palavras e ralhos.
O dia de hoje é grande.
Permite-me que assuma
a maior coragem.

A AMANTE

Não tentes disfarçar. No fundo de ti próprio
sabes muito bem que as coisas nunca mudarão.
Acaso o sangue deixará de hesitar?
Acaso o homem se aproximará do homem
como a árvore da paisagem?

O REBELDE

Tudo isso poderá ser dito, certamente.
Mas só depois.
Agora — é um pretexto.
Não é conveniente dar-lhes agora pretextos
e retardar a luta.
Cala-te.

A AMANTE

Olha para ti, nem sequer tens fé.
Apenas tens contigo o teu orgulho
e é a esse deus que tu te sacrificas.
Mas que esplendor provoca em ti o orgulho
e que bálsamo suave lança sobre ti?
Esse teu deus não passa de uma ideia
que o hábito enterrou no teu cérebro teimoso.

O REBELDE

Cala-te, por favor.

A AMANTE

Não, não me calarei.
Não tenho esse direito.
Quero enlutar o dia com toda a fúria
dos meus gritos de fumo
até que ele se torne irrespirável
à tua teimosia.

O REBELDE

Amiga... amiga minha dos dias mais difíceis:
sê minha amiga agora no derradeiro combate.
O teu dever é dizeres ao meu filho
como se trava a luta:
estes três séculos de noite tenebrosa
que sobre nós se abate.
Diz-lhe que nunca quis que este país
fosse apenas regalo para os olhos,
pasto grosseiro para todo este espectáculo,
terra confusa de colinas
cortada por línguas de água.

A AMANTE

Um país que se resume
ao pranto da viúva
aos gemidos do órfão.

O REBELDE

Mulher, as palavras faltam-me.
É difícil saber até que ponto serei compreendido.
Mas este povo precisa de algo mais que um começar.
Precisa de um verdadeiro nascimento.
Quero que o meu sangue dê fundamento ao meu povo.
Quanto a ti...

A AMANTE

...Só me resta esperar a tua morte.
Abraça-me: o mundo é uma criança.

O REBELDE

Como o mundo é frágil.

A AMANTE

Abraça-me: tal como um pão o ar doira-se
e cresce.

O REBELDE

Como o mundo é solene.

A AMANTE

Abraça-me: o mundo ondeia em plumas, em palmas,
espicanardos, desejos e cássias.

O REBELDE

O mundo escurece com os seus cabelos
revoltos.

A AMANTE

Abraça-me; abraça-me. Nos meus olhos há mundos que nascem e logo desaparecem; oiço música de mundos... os cavalos aproximam-se... um peso de arrepios empurra o vento carnal da caça...

(Silêncio prodigioso)

O REBELDE

Mulher...

(A mãe, até aqui imóvel, afasta a amante)

A MÃE

Eis a teus pés a mais infeliz de todas.

O REBELDE

A meus pés? Há muito que não falo senão
à que dá vida à noite e ao dia
uma nova folhagem.

O SEMI-CORO

Àquela que faz da manhã um regato
de juncos azulados.

O SEMI-CORO

Aquela que faz...

O REBELDE

...com que o sílex seja imperdoável. Mulher do poente,
mulher desencontrada, que há a dizer entre nós?
Na hora rubra dos tubarões, na hora rubra das nos-
talgias, na hora rubra dos milagres encontrei a *Liberdade*.
E a morte não é uma coisa intratável. É doce
tem mãos de palissandro
e de rapariga virgem
tem mãos de linho e de milho
doce.
Ali nos encontrávamos
e nessa noite sangrava a virgindade
timoneira da noite povoada de sóis e arcos-íris
timoneira do mar e da morte
liberdade ó égua de espanto com tuas pernas
viscosas de sangue novo
teu grito de ave surpresa e de fascínio
e de ovelha na fondura das águas
de alburno, de provação triunfante
e de sacrilégio
rasteja rasteja
rapariga enorme povoada de cavalos e folhas
de acasos e conhecimentos
de heranças e de fontes
no extremo dos teus amores no extremo dos teus atrasos
no extremo dos teus cânticos
das tuas lâmpadas
nos teus aguilhões de insectos e raízes
rasteja grande parideira ébria de molossos mastins

e javalis lanceolados e de incêndios
sobre o desbarato do exemplo escrofuloso
de todos os cataplasmas.

A MÃE

Meu filho mal nascido.

O REBELDE

Quem és tu para me perturbares no limiar do repouso?
Precisavas dum filho que fosse traído e vendido.
Aqui me tens. — Obrigado.

A MÃE

Filho meu...

O REBELDE

Aos que te enviaram não bastava a minha derrota
nem o meu coração feito em pedaços:
precisavam que eu finalmente dissesse *sim*.
Por isso te enviaram. Obrigado, velha.

A MÃE

Olha para mim.

O REBELDE

Amiga, amiga
a culpa não é minha: através do vento que sopra no
fundo das idades, mais rubros que o negro da minha pele

invade-me cobre-me e tinge-me a vergonha dos anos;
o rubor dos anos e a intempérie dos dias
a chuva dos dias anedóticos
a insolência dos dias saltitantes
o uivo dos dias mastins com seu focinho
polido como o sal
estou pronto
sonoro à todos os ruídos e cheio de influências
a minha pele negra esticou
como a pele dum burro desgraçado.

A MÃE

Coração inundado de combates
coração sem leite.

O REBELDE

Mãe sem fé.

A MÃE

Dá-me a tua mão, filho.
Deixa que ela desponte simples dentro da minha.

O REBELDE

O tam-tam lateja. O tam-tam arrota. O tam-tam
escarra gafanhotos de fogo e sangue.
E a minha mão está também cheia de sangue.

A MÃE *(aterrada)*

Os teus olhos estão cheios de sangue.

O REBELDE

Eu não sou um homem de coração deserto.
Eu não sou um homem de coração impiedoso.
Sou um homem simplesmente sedento
que circula doido
à roda dos pântanos envenenados.

A MÃE

Enganas-te.
À tua volta há um deserto salgado
e nem uma estrela te alumia.
A teu lado cresce a força para os revoltosos
e nas garras do vento
voam pedaços de carne negra.

O REBELDE *(sarcástico)*

Ó deuses, em tudo os Brancos se permitem vingar-se.
Uma mãe indócil... o esconjuro dos signos... a fome,
o desespero...
Não quero acreditar. Mentiram-te.
Nos altos cumes dum mar arborescente
descubro um país magnífico,
cheio de sol de papagaios de frutos
de água doce e árvores de pão.

A MÃE

O que tu vês é um deserto de cimento,
de cânfora e de aço,
um deserto desfeito de charcos desinfectados
um lugar pesado e devassado
por olhos por chamas e por cogumelos.

O REBELDE

Vejo um país de baías e palmas,
um país de mãos abertas.

A MÃE

Vêde. Ele não obedece.
Ele não renuncia à sua má vingança.
Ele não desarma.

O REBELDE

O meu nome: ofendido.
Apelido: humilhado.
Estado: revoltado.
Idade: a idade da pedra.

A MÃE

A minha raça é a raça humana.
A minha religião: a fraternidade.

O REBELDE

A minha raça é a raça vencida.
A minha religião é a minha revolta, os meus punhos cerrados, a minha cabeça crespa.
E não o que preparais tentando desarmar-me.

(Calmo)

Estou a lembrar-me de certo dia em Novembro.
O meu filho ainda não tinha seis meses.
O patrão entrou na cubata coberta de fuligem
como uma lua ruiva
e apalpou-lhe o corpito já um pouco musculado.
Era um bom patrão que passeava os dedos balofos
sobre o pequeno rosto cheio de covas risonhas
fazendo-lhe carícias.
Os olhos azuis riam e a boca
divertia-o com coisas açucaradas.
Será um rapagão — disse-me ele
virando-se para mim.
E disse-me outras coisas que lhe pareciam amáveis.
Que seria bom aproveitá-lo depressa.
Vinte anos não seria demais
para fazer um bom cristão e fazer um bom escravo
submisso e fiel
um guarda de galés do senhor comendador,
de olho vivo e de braço firme.
Assim falava o homem
debruçado sobre o berço do meu filho,
o berço dum capataz de escravos.

A MÃE

Ai de ti que vais morrer.

O REBELDE

Matei-o. Sim, matei-o com as minhas mãos.
Foi uma morte fecunda e abundante.
Era de noite e nós rastejávamos entre as canas
de açúcar.
As navalhas brilhavam com a luz que vinha das estrelas
mas ninguém se importava com as estrelas.
As canas de açúcar retalhavam-nos a cara
com mil lâminas verdes.
E nós rastejávamos de navalha em punho.

A MÃE

Sempre sonhei com um filho
que um dia me fechasse
os olhos.

O REBELDE

Eu decidi
abrir os olhos do meu filho
para um sol diferente.

A MÃE

Filho meu
de morte má
de morte perniciosa.

O REBELDE

De morte arrebatada,
de morte sumptuosa,
mãe.

A MÃE

Por tanto ter traído.

O REBELDE

Por tanto ter amado.

A MÃE

Poupa-me, por favor.
Os teus laços afogam-me.
As tuas feridas ferem-me.

O REBELDE

O mundo não me poupa.
Em qualquer lugar do mundo
não há desgraçado linchado ou torturado
que não seja eu também
assassinado e humilhado.

A MÃE

Deus do céu, aliviai-o.

O REBELDE

Jamais conseguirás aliviar-me
das minhas recordações.
Foi numa noite de Novembro.
De repente ouviram-se clamores
que iluminaram todo aquele silêncio.
Nós, os escravos; nós, a escória; nós, os cascos
da paciência — lançávamo-nos ao ataque.
Corríamos como forçados. Rebentaram tiros.
Alguns ficaram feridos. O suor e o sangue
corriam frescos sobre a nossa pele.
Continuámos a atirar por entre gritos e os gritos
eram cada vez mais fortes e um grande clamor ergueu-se
na direcção de leste; as dependências dos criados
estavam a arder e as chamas lambiam-nos a cara
docemente.
Assaltámos então a casa do patrão.
Forçamos as janelas e as portas.
O quarto do patrão estava aberto de par em par,
todo iluminado
e o patrão estava lá dentro, completamente
calmo. Os nossos homens pararam. O patrão
estava ali. Então eu avancei. És tu, disse-me ele,
completamente calmo. Sim sou eu, respondi-lhe,
o bom e fiel escravo. E de repente os seus olhos
pareceram dois escaravelhos medrosos num dia de chuva.
Avancei para ele de navalha aberta
e o sangue dele esguichou: é o único baptismo
de que conservo a memória.

A MÃE

Tenho medo das palavras que dizes.
Tenho medo das tuas palavras de resina
e de emboscadas. Tenho medo das tuas palavras
porque não posso agarrá-las com a mão
e tomar-lhes o peso. Não são palavras humanas.
Não são de forma alguma palavras que se possam agarrar
com ambas as mãos e pesá-las na balança tremente
e que os caminhos cruzam.

(A mãe desmaia)

O REBELDE *(inclinado sobre ela)*

Mulher de rosto mais usado que a pedra pomus
rolada pelos ribeiros,
muito mais usado,
mulher de dedos mais fatigados que a cana
triturada pelo engenho
muito mais fatigados.
As tuas mãos são de cachaça pobre.
Os teus olhos são duas estrelas perdidas
Mãe antiquíssima e usada, mãe sem folhas
és como um esplendor que já perdeu o brilho.
És como a cabaceira, que afinal se povoa
de frutos venenosos.

UMA VOZ

Assassino, mataste o teu patrão.

UMA VOZ

Assassino, maldito, queres matar
a tua mãe.

UMA VOZ

Morte ao assassino
cortem-lhe as mãos.

UMA VOZ

Morte, morte
arranquem-lhe os olhos.

O REBELDE

Arrastai-me convosco
ó corséis da noite.

O CORO

O dia é como uma casa fechada
debaixo da chuva do contágio.
É como a cidade que se fecha
à noite envenenada.
Ó homem das galeras, ó peregrino,
sob a chuva e na noite sem portas
reboam os teus passos,
os meus passos que arquejam
na clareira sem mãos e sem ouvidos
sem água e sem batente
torturada pelas sentinelas.

O REBELDE

Arrastai-me convosco
ó corséis da noite.

(Dirigindo-se ao coro)

Meus filhos
eu sou um rei que nada possui.

O CORO

Ergue-te ó rei.

O REBELDE

...Que nada possui.

O CORO

Ergue-te ó rei.

O REBELDE

Baptizai-me,
tagarelas do deserto.

(Inclina-se, com o rosto no chão e os braços afastados. Um dos homens deita-lhe terra sobre a cabeça)

Terra farinhenta, leite de minha mãe,
ribeiro de riquezas, trevas entreabertas,
exige, dirige...

(Aproxima o ouvido do chão)

Oiço passos.
São cascos de cavalos
é o rastejar de gordas larvas
pelos vales dos meus ouvidos.
Estou atento, sim,
estou atento.

(Levanta-se)

Arrastai-me convosco
ó corséis da noite...

III ACTO

O REBELDE

Salvé, trevas da prisão.

UM CARCEREIRO *(dirigindo-se ao público)*

Reparai bem nele.
Uma caricatura perfeita.
A expressão da derrota, a cara apodrecida, as mãos geladas.
Chefe manhoso e hipócrita de um povo de selvagens.
Triste condutor duma raça maligna.
Calculador manhoso e alucinado
entre frenéticos.

O REBELDE

Sou como a insígnia erguida no extremo
duma pátria.
Ninguém me vê chorar
pergunto por mim próprio.

O CARCEREIRO

As tuas palavras ardem como a bosta
não encontram eco.

O REBELDE

Enxertei uma árvore de lava e dor
num povo de vencidos.
Raça de terra por terra e que agora começa a andar.
Tu Congo tu Mississipi deixai que corra o ouro.
Deixai correr o sangue.
A raça de terra, a raça de cinza avança
e sob os seus pés em marcha
explodem pedaços de salitre.

O CARCEREIRO

Prisioneiro da fome, da solidão
e do desespero
a tua hora de expiar chegou.

O REBELDE

Não. A paisagem envenena-me
com os acónitos do seu alfabeto.
Estou cego mas adivinho com o olhar
a nuvem que recorda a cabeça dum velho negro
que um dia vi matar no meio da praça.
O céu baixo é um braseiro e o vento ergue no ar
cansaços e soluços da sua pele suada.
O vento povoa-se de chicotes e de inúmeras pedras
e os enforcados enchem todo o céu de áceres.
Há cães enraivecidos de pêlo ensanguentado
e enormes orelhas. Orelhas rasgadas que são barcos
a deslizar para o poente.
Vai-te embora, homem.
Quero estar só e o mar é uma manilha
no meu pé de forçado.

O CORO

Piedade, peço piedade.

O REBELDE

Quem gritou aqui por piedade?
Quem ousa apagar o quadro negro e de fogo
com essa palavra incongruente?
Quem é que pede perdão?
A mim ninguém me vê lamentar a cegueira.
Sei suportar visões irreparáveis.
Não preciso de arpão. Nem de machado.
Não, não há perdão.
Com este coração regressei ao sílex dos séculos
ao velho amuleto que a África gravou
no fundo do meu ser.
Odeio-te. Odeio-vos.
E o meu ódio não morrerá
enquanto o sol obeso conseguir montar
a velha mula da terra.
Hoje o passado abre-se vivo à minha frente
e rasga-se como a frágil folha da bananeira.
Como o cataclismo de cabeça de escalpe como o cérebro
de máquinas de larvas e de mostradores
no acaso das fábulas
no acaso das vítimas expiatórias
o passado aguarda com os olhos carregados
de palavras magnéticas.
Liberdade, liberdade
quero enfrentar sozinho a luz
desta cabeça ferida.

(Entra o mensageiro)

O CORO

Eis o digno mensageiro
desta raça cúpida.
O ouro e a prata ocultam-lhe a lividez do rosto.
O farejar da presa moldou-lhe um focinho selvagem.
O brilho frio do aço faísca nos seus olhos.
É uma raça hirsuta, não aveludada.

O MENSAGEIRO

Salvé.

O REBELDE

Ó corpo que resistes como um muro de pedra
não deixes que a fadiga e o frio
extingam o meu grito que fumega o meu grito intacto
de animal que caiu numa armadilha.

O MENSAGEIRO

Salvé.

O REBELDE

Quem chama por mim? Oiço e não oiço.
Sinto na cabeça um rio de lama e de peixes livres
de coisas verdes e confusas, de aves mortas,
de ventres amarelos,

de gemidos cruzados que brotam do açaimo,
anos convulsos marcados pelo fogo
discos que giram, pântanos e crateras
crianças violadas.
Nos meus ouvidos ressoa
o pelotão que executa nas capoeiras da alva.

O RECITANTE

Uma trompa de guerra atravessou os ares
cuspindo pó e fumo.
Macacos davam saltos em torno do leão
com rosto de homem.

O REBELDE

Não tenho medo de nada, meus amigos.
Hoje é o dia da grande conivência.
Sinto na boca o sabor dos dias amargos
e o cacimbo que lugubremente tomba.
As flores são coisas ocultas numa resposta
cada vez mais fraca.
Estou calmo a casuarina acena-me
e o mar sorri-me em carantonhas vivas.
Cada mancenilheira dobrada sobre si
arrasta um suicídio de oliveiras propícias.
Sede benvindo, dia da provação.

(Pausa)

És bem o digno mensageiro da raça
superior.
De narinas no ar, pressentindo o odor
do tesouro mais próximo, os nossos donos quiseram
enviar-te para que espiasses a nossa intimidade.
Assim seja.
Nem o almiscareiro acorre mais depressa
nas pegadas do gamo.

(Pausa)

Não despejes sobre mim o teu discurso.
Quero morrer aqui só.
Vamos, não faças essa cara
conheço bem a tua cantilena.
Vens falar-me em liberdade, evidentemente.
Enquanto o colono o legitimador do açúcar
dos grãos de cacau e de café
aponta aos quatro cantos da nossa lassidão
seu focinho de regras e de descansa em paz
e continua a fazer mulatos às nossas mulheres
— descansando em paz,
dizendo coisas como estas

(Parodiando)

Corja de sacanas, voltem para o trabalho.
Se não se despacharem, o pior é para vocês.
As iguanas hão-de roer-vos a planta dos pés
e as aves de rapina comer-vos-ão o fígado.
A cachaça há-de fazer com que vos nasçam formigas

na garganta e nos vossos olhos hão-de cravar-se
as vespas.
E quando vocês morrerem (de gordura ruim e de pre-
guiça) serão condenados a plantar cana e a mondar a lua
onde não existe a árvore de pão.
E nós sempre a ter a paciência das térmitas,
por delicadeza, a delicadeza dos caranguejos que recuam
quando lhes dão um pontapé no focinho.
E por submissão, a submissão das estrelas, a das carraças
que estalam sob o tacão das nuvens.

(Delirando)

Deixem-me. Que querem vocês?
Porque se agarram a mim?
Não sabem quem eu sou, é verdade.
Olhai a elegância dos meus braços
a delicadeza das minhas mãos.

(Com expressão de ódio)

Fora, fora daqui.
Volta antes amanhã. Compreendes?
Prefiro ficar só.
Não sinto ódio por ti. Quero soltar do peito o grande
grito negro que sacudirá os alicerces do mundo.

(O mensageiro sai de cena, recuando)

A RECITANTE

Digo que este país é uma úlcera.

O RECITANTE

Digo que esta terra queima.

A RECITANTE

E aviso: desgraçado do que toca com mão leve
a seiva desta terra.

O RECITANTE

Digo que este país monstruosamente devora.

A RECITANTE

Este país maldito
este país que uiva depois de haver cuspido
o ancilóstomo Cuba com a boca de clamores vazios.

O RECITANTE

Este país morde: bocarra aberta goela de fogo
convergência de presas de fogo
no cachaço duma América ruim.

A RECITANTE

À margem das marés que saltitam
caminho sobre as águas das primaveras que rodam
e observo do alto com olhos de sentinela.
A insónia impiedosa cresce como um não
ao longo dos tempos livres da mulher com a ânfora,
aquário, tempestade de germes,
enorme fervedoiro.

O REBELDE

Desfaço com as mãos os pensamentos
que são lianas dóceis
e saúdo esta total fraternidade.
Na minha carne os rios enterram seu focinho de saguins
e as florestas despontam dos meus músculos inchados.
As vagas do meu sangue erguem-se num coro.
Fecho os olhos
e todas as riquezas estão sob as minhas mãos
todos os meus pântanos meus vulcões e ribeiros
se enrolam ao pescoço como serpentes
como correntes de ouro.

O RECITANTE

Ei-lo de pé, no refluir do rio.
Das margens de ouro centenas de guerreiros
atiram-lhe centenas de zagaias
e o seu peito constela-se de chagas.

A RECITANTE

É o dia da grande provação.
O rebelde está nu e segura na mão
um escudo de palha entrelaçada.
Detém-se, rasteja, imobiliza-se com um joelho em terra.
Caído, derrubado como se fosse muralha.
A zagaia em riste.

(Neste momento a cena é invadida por um cortejo da idade-média africana: reconstituição magnífica das civilizações do Benim)

PRIMEIRA VOZ TENTADORA

A minha voz tem o roçagar das palavras de seda
a minha voz abre-se num leque de plumas
a minha voz tintila
mil sonhos de harmonia entre bacias de água
a minha voz de cílios desperta mil insectos
que esvoaçam triunfantes
a minha voz é bela como um pássaro
flamejante de ouro
de musselina de céu de desejo sem tréguas
as minhas vozes húmidas são como rios de pombas
que rolam sem receio
sobre pedras de jaspe e cidades de prata.

O REBELDE

Que coisa estranha é esta que me atravessa de ouro
e me cerca de perigos e de afagos
ignotos?

O RECITANTE

Interroguei os dados sagrados e afirmo
que em ti habita um ser real
que descansa sobre um leito apertado.

O REBELDE

Digo que tanjemos um novo dobre sobre o mundo
forçando palavras de ouro.

PRIMEIRA VOZ TENTADORA

Palavras, palavras, nada mais que palavras.
Queres tu dinheiro? Terras? Títulos?
Pretendes ser o Rei. Pois serás rei.
É um juramento.

O REBELDE

Retiro um pé para enterrar o outro.
Não me insultem mais com vossas falsas promessas
e deixem que me afaste da lama e dos destroços.

SEGUNDA VOZ TENTADORA

Ser rei — mas que aventura.
Houve sempre em ti qualquer coisa
que ninguém conseguiu submeter: o ódio ou o desejo,
tristeza ou impaciência, desprezo, violência.
Nas tuas veias corre o ouro e não corre a lama,
corre o orgulho, não corre a servidão.
Tu Rei, foste Rei outrora.

O REBELDE

Festa da noite.
Casas fendidas perseguem um perfil
abstracto de serpentes
ferro de lança ferro de rosácea
as cidades saltam como carneiros
do vómito-negro
o rio inchado faz lembrar um pavão

sobre o dique desfeito
as janelas abrem-se para o sempre
acabai com as torturas cruzadas dos paraísos
que as turbações cancelam
junto ao mar um campo de rum
e contrabando espalha em sóis aninhados
a febre lisa dos dias.

O CORO

Bornou, Sokoto, Benim e Daomé
Sikasso, Sikasso
o meu toque é para reunir: céus e seios,
pérolas e chuviscos, sementeiras
chaves de ouro.

O REBELDE

Martinica. Jamaica.
Nem miragens nem feitiçarias
podem fazer soar o olvido que dorme
o tiro o sangue diluído o canto de aço
abismos fraternais das rosas de Jericó.

O CORO

Não conseguirás escapar à tua lei
que é a lei do domínio.

O REBELDE

A minha lei é tudo o que eu persigo
numa cadeia sem quebras até à confluência
do fogo que me volatiliza depura
e incendeia neste prisma de ouro
amalgamado

O CORO

Gosto de ruínas; o fornicar funéreo
a lua minguante
o Rei que se esconde.

O REBELDE

Não quero ser o grão de perfume que resume
e festeja o inumerável sacrifício
das rosas desarmadas.

O RECITANTE

Vais morrer, Rebelde.

A RECITANTE

Não tens outra saída.

O REBELDE

Morrerei, sim, mas nu. Intacto.
Com uma mão na outra, os pés sobre esta terra.
Que sombrio desabar para o poente é este
a passo de afogados e de esteiras?

O mundo assassinado por rodeios,
preso na rede dos seus próprios parênteses,
desliza.
Nu como a água
nu como o olhar unicorne do meio-dia
como o grito como a mordedura
ilumino com vapores rasteiros
o mundo que não reconhece nem sente ingratidão
e onde o pensamento é uma flor
humilde no coração da própria borboleta.
Quero um mundo despido de universos
mundo sem timbre
uma rapariga do Futa a roer um osso
em forma de candelabro.
Sinto-me jovem, duma juventude opulenta
criança virgem sem portas nem janelas
criança de libação e de holocausto
no fio do olhar, no desfiar das horas.
Um lago de secura descai da minha face
é um choro de árvores da Judeia
banhadas de crocus e de anémonas
estou nu
estou nu no meio das pedras
e desejo morrer.

A RECITANTE

Paciência. Vejo o que já vi.
A minha cabeça polar devora o palor
dos cadáveres, os elmos destruídos,
inconsoláveis ruínas.

O REBELDE

Não quero ser o polvo
que cospe a noite e a tinta
sobre o rosto da morte.

A RECITANTE

Uma mulher audaz quebra a concha que possui
entre catástrofes.
Os atiradores ao coiote despertam
numa gruta de absinto feliz.

O REBELDE

Cerquem-me de chamas afiladas e feixes de arrepios.
Que o cheiro dos fogos caia
sobre a minha cabeça.

A RECITANTE

O que resta agora é um homem perdido
trágico como uma palmeira decepada
entre o banal tumulto e a acção do relâmpago.
Um homem que lança o olhar poeirento
sobre uma estepe sem sombra e desprovida de água
enquanto entre sombra e água
vai ruminando a prece que jamais trairá.

O REBELDE

Prece de serpente. Prece de mureia
nas florestas do mar.
Prece de leite de cactos nos matagais
do céu.

A RECITANTE

Olhei e descobri as pontes destruídas
estrelas desataram
cicatrizes de areia.

O REBELDE

A vista abandonou-nos
agora estamos cegos
cegos graças aos deuses e graças ao temor.
Nada descobres entre o verde que cresce.
Nada se ouve entre o gritar da terra
e o convulsivo murmúrio vegetal.
No mar nada se move.
Olhos, ouvidos, fala.
De novo o sol vampiro a sugar-me o sangue.
O assalto da noite corsária à minha
fortaleza
e um fragor de meio-dia e de gaivotas
amanhece em mim para lhes bater no rosto.
Amarrem-me. Espezinhem-me. Assassinem-me.
Agora já é tarde: as horas em desalinho
soam na calmaria e nos sinais vivos
do amolecer.
As horas com seu rosnido
estendem-se à carícia das mãos
as chamas estendem-se também
eu próprio sou uma chama
sou a hora
e oiço o que diz o vento
a língua em fogo que me lambe a garganta seca.

O CORO *(imitando a multidão)*

Ele é o Rei. Não tem título
mas é realmente o rei.
Um verdadeiro lamido. Esta é a sua guarda.
E os capacetes inflamam-se
com a luz do crepúsculo.

O RECITANTE

O Rei tem frio. Tem tosse. Está a tiritar.

A RECITANTE

A desgraça é esta: a Europa aracnídea
move os seus palpos de navios guerreiros.

O CORO-MULTIDÃO

A minha memória é um delírio de incenso e sinos.
O Níger azul. O Congo de ouro. O Logone de areias.
Um galope de búfalos.
Piladores de milho nas tardes de cobalto.

O RECITANTE

A minha memória faz bramir a pileca
o rapto a pista na floresta
o barracão o negreiro.

O SEMI-CORO

Marcavam-nos com ferro em brasa.

O REBELDE

Vendiam-nos como animais e contavam-nos os dentes.
Rebuscavam-nos os bolsos, examinavam-nos as pregas
da pele, apalpavam-nos, pesavam-nos, sopesavam-nos
e lançavam-nos ao pescoço a coleira
da servidão e das alcunhas.

O RECITANTE

O vento levantou-se.
As savanas abrem-se numa glória de plumas doidas.
Oiço as crianças gritar na casa
do senhor.

O REBELDE

Oiço as crianças gritar na cubata do negro
e as barrigas de pedra inchadas no seu
umbigo monstruoso
enchem-se de lâminas de negra
terra e lágrimas de ranho e urina.

O RECITANTE

Em nome de todos os desejos desfeitos
no pântano das vossas almas.

A RECITANTE

Em nome de todos os sonhos ociosos do vosso coração
canto o gesto de aço do matador.

O RECITANTE

Canto o gesto salgado do arpoador
e da baleia que resfolga pela derradeira vez.

O CORO

Uma ave e o seu sorriso
um navio e as suas raízes
o horizonte e os seus cabelos de pedra preciosa
uma rapariga de sorriso de erva que rasga
em frágeis cotovias o vinho diário
a pedra das noites.

O REBELDE

Basta.
Estou só e tenho medo.
As minhas florestas já não têm ouvidos.
Os meus rios parecem descarnados.
Caravelas suspeitas rondam esta noite.
És tu, Colombo? Capitão de negreiros. És tu,
velho pirata, corsário encanecido?
A noite cresce, aumenta os seus destroços.
Colombo, Colombo
responde ao meu apelo:
é belo o arquipélago
como a matriz sombria de dois cumes
à hora do meio-dia
turbulência de órgãos ocultos
sacrifício de vidros de lâmpadas cruzadas
sobre a boca das nuvens

desordem violenta supremamente absurda
no mover das pastagens e das escolopendras.
Eu sou a noite blasfema que devolve a floresta
em anéis de gritos violentos.
Colombo, Colombo.

ECO, PRIMEIRA VOZ *(irónica)*

Glória ao restaurador da pátria

ECO, SEGUNDA VOZ *(irónica)*

Glória e gratidão ao educador do povo

ECO, os CANTORES

Salvum fac gubernatorem

O REBELDE

Ilhas felizes.
Jardins da rainha.
Vou à deriva pela noite especiosa
de tormentas e de imagens santas
e os limos arrebatam com dedos infantis
este meu urro de semente futura.

OS CANTORES

Salvum fac civitatis fundatorem

O REBELDE

Uma torre.
Lagartos sobre os muros: vejo um cometa alçado
uma floresta onde abundam lobos
que se passeiam com mitras na cabeça.
Vejo um prato de cogumelos venenosos
e sobre o qual se atiram, ávidos, os lobos.

OS CANTORES INVISÍVEIS

Salvum fac...

O REBELDE

Ide-vos embora.
Sois como ratos por quem sinto piedade
ratos que descobriram que o navio está podre.
Ide, ide-vos em paz
levai daqui vossos esqueletos pintalgados
as vossas carcaças piedosas.

OS CANTORES

Salvum fac...

O REBELDE

Um macaco, sou um macaco cujas carantonhas
confundem as escalas com as poças de água
paióis de desespero de fome e de vingança
angústias nucleares
devoções inconfessáveis.

É a ti que eu me dirijo
ó vento
face calma coberta de guano e contorsões
vento dos desertos erguidos nos dedos dos cactos e das esfinges calamitosamente
ouviste algum ruído?

O RECITANTE *(desdenhoso)*

Uma frota de frotas:
a armada do destino.

A RECITANTE

Erguem-se as comportas.
Uma agonia espalha-se nas águas
uma voz na cisterna
grossa voz de leopardo chuvoso
na cisterna na floresta do oceano.

O REBELDE

Aqui está a minha querência.

A RECITANTE

Multidão de marsuínos fragatas conivências
vanguarda de voceradores e coveiros.

(A cena é invadida por padres de todas as ordens que abençoam freneticamente)

O REBELDE

Em nome de Deus, desapareçam.
Não bastará aos carrascos experimentar sobre
o cepo a lâmina que brilha?
E às aves de rapina não lhes bastará cravarem-lhe nos olhos o seu bico acerado?
Foi para vos ver que as pirâmides se ergueram
esta noite na ponta dos pés?

O RECITANTE

Chegámos ao momento em que a armadilha surda
começa a trabalhar
na noite movediça.

A RECITANTE

Chegámos ao momento em que a sombra
projecta as suas mãos pesadas
sobre a parede vítima.

O RECITANTE

Chegámos ao momento em que a palavra
limpa de insectos e de parasitas
é bela e é mortal.

A RECITANTE

Chegámos ao momento em que a chuva assassina
faz brilhar entre os campos
os seus dentes de pedra.

O CORO

Homem — as palavras de hoje são
todas para ti.
Homem — as palavras do homem
têm os olhos postos em ti.

O REBELDE

Quero gritar para que todos me oiçam:
filho, meu filho *(grita)*

O RECITANTE

Eis que chega o filho.

O REBELDE

(mimando os gestos de embalar uma criança)

Três crianças negras brincam nos meus olhos
perseguidas pelos cães
e as galáxias abertas na minha mão
fulminam a paisagem
com plantas, lepras, elefantíases,
desalojados, negações, justiças,
linchagem, mortes lentas
pikaminias
pikaminias
e com o vosso riso indomável

vosso riso de larvas
riso de ovos
vosso riso de palha sobre o aço
vosso riso de lagartos sobre o muro
vosso riso de heresia nos seus dogmas
vosso riso que tatua moedas
vosso riso irremediável
vosso riso de vertigem onde mergulharão
fascinadas as cidades
vosso riso de bomba que se atrasa
sob os pés dos patrões
tucano
vento de desastre
aspergido por licores fortes
pikaminias roídas pelo sol
cuidado com a mancha maléfica do sol
com o cancro do sol que rasteja para o vosso coração
até que o mundo caia
rindo-se dos vossos pés descalços
como um grande voo de franga esfrangalhada.

(Ri-se freneticamente)

A RECITANTE

Eis que chega o filho.

O RECITANTE

Eis que chega o filho.

O CORO

O filho chegou, atenção.

O REBELDE

Apenas vos peço um archote
para que o meu filho apareça.

A RECITANTE

O filho chegou, atenção.

O REBELDE

Um tesouro. Exijo o tesouro que me roubaram,
Londres, Paris, Nova Iorque, Amsterdão,
cidades reunidas à volta de mim como se fossem estrelas,
luas triunfais
com o meu olhar de desgraça, o hálito apodrecido,
com os dedos cegos a tactear fechaduras
quero avaliar sob tanta calma e tanta dignidade
tanto equilíbrio e tanto movimento
tanto ruído, tanta harmonia e medida
o que exigem dos meus nervos em franja,
do meu pânico
dos meus gritos de eterno desgraçado

dos dados do suor sobre a face suada
para que aconteça isso:
o regresso do meu filho.

(Música excitada: o piano zombeteiro, fugas e ziguezagues do clarinete que, de vez em quando, se junta com uma grande palmada nas costas ao riso jovial do trombone. A prisão está cercada por uma multidão que empunha archotes e grita insultos. Por detrás dos carrascos encontra-se o Rebelde.

UM ORADOR *(apontando o Rebelde)*

Camaradas. Como se não houvesse já chatices que bastassem estou aqui para apontar-vos este homem, este inimigo público, este provocador.
Ninguém era feliz aqui.
Mas agora, camaradas, seremos mais felizes a braços com a guerra e a vingança dos patrões?
Este homem é um traidor.

O REBELDE

És um ninho de víboras.

O CORO-MULTIDÃO

À morte!

O REBELDE

Cobardes. Oiço nas vossas vozes o açular do engano.

O CORO-MULTIDÃO

À morte. À morte.

O REBELDE

Nas vossas vozes de chacal
existe a nostalgia do açaimo.

O CORO-MULTIDÃO

À morte. À morte.

O REBELDE

Como vos lamento, almas iludidas.
É a velhice do mundo que se atiça
na vossa juventude canibal
sem esperança nem desespero.

O CORO-MULTIDÃO

Matem-no. Matem-no.

O REBELDE

A desgraça cairá sobre as vossas cabeças.
Que venha a mim a morte,
esse soldado de mãos frias.

O CORO-MULTIDÃO

Viva a paz.

O REBELDE

Viva a vingança.
Os montes hão-de tremer como um dente
arrancado por um ferrador.
As estrelas hão-de esmagar de encontro à terra
um rosto de mulheres prenhas.

O CORO-MULTIDÃO

Deixem-no falar.

O REBELDE

Os sóis detidos serão durante a noite
uma catástrofe de coqueiros sem fim.

O CORO

Desgraça. Desgraça.

O REBELDE

Não vos deixarei ir embora
sem vos fazer sentir
os dentes das minhas palavras
na vossa alma imbecil.

Quero que saibam que vos espio como se fossem
caça.
Dispo-vos com o olhar no meio das vossas mentiras,
das vossas cobardias
lacaios orgulhosos raça de hipócritas que fogem à sucapa
escravos e filhos de escravos
que não têm sequer força para protestar
para se indignarem ou para gemer
condenados a conviver com a estupidez contaminada
sem nada que vos aqueça o sangue
a não ser o pestanejar sonolento de meio copo de rum.
Almas de putas.

O CORO-MULTIDÃO

Bravo, bravo.

O REBELDE

Amigos
hoje sonhei com a luz, com insígnias de ouro
com a púrpura ardente que desperta
com faíscas e com peles de lince.

O CORO-MULTIDÃO

Bravo, bravo
morte aos tiranos.

O REBELDE

Rompendo das ávidas catacumbas
do fim e do começo
a morte dirige-se para eles
como uma torrente de cavalos loucos
como um voo de mosquitos.

O CARCEREIRO

Silêncio.

O REBELDE

Não quero importunar-vos mais
pobres amigos.
Queriam impedir-me de falar.
Afinal só me meteram medo.
Quero que saibam que também sou cobarde.
Também em mim despertaram os temores
quando senti medo pela primeira vez.

O CARCEREIRO

Velhaco.

O REBELDE

É tempo de me meterem medo.
E os meios para o fazer estão ao vosso alcance:
apertai-me a cabeça com uma corda,
erguei-me no ar pelas axilas,
aquecei-me os pés com uma pá em fogo.

O CARCEREIRO

Cala-te, por amor de Deus.

O REBELDE

Fechai-me os lábios.
Calai-me a boca
com um cadeado em brasa.

A CARCEREIRA

Estás a tentar-nos.

O REBELDE

Marcai-me o ombro com uma flor de lis
com uma chave de prisão, com as vossas iniciais
entrelaçadas
simplesmente; João, Pedro, Genoveva, Joana ou Luísa.
Ou então com uma bandeira, um canhão,
uma cruz ou um trevo.

O CARCEREIRO

Que todos os diabos do inferno
deitem fogo a esse coiro negro.

O REBELDE

Com as tramas dos vossos signos enlaçados
ou então com uma fórmula latina.

A CARCEREIRA

Basta.

O REBELDE

Não te preocupes, eles são escrupulosos.
E eu não estive presente no baptismo
de Cristo.

O CARCEREIRO

Não precisas dizê-lo.

O REBELDE

Acuso-me de ter rido de Noé
meu pai bêbado e nu
acuso-me de ter gozado o amor
na noite opaca, na noite com seu peso.

A CARCEREIRA

Açoita-o. Esse maldito preto
precisa que o ensinem.

O REBELDE

Quem és tu, mulher?
Mulheres conheci eu, as de seios surpreendidos
no meio das pastagens.

A CARCEREIRA

O bruto está a insultar-me.
O porcalhão.

O CARCEREIRO

Insolente, porco, macaco libidinoso.

(Açoita o Rebelde, e a mulher faz o mesmo)

O CORO

Que o sangue do Rebelde corra.
Sangue rico e salgado
como o mel mais doce.

O REBELDE

O Rei. Repeti: o rei.
Morto com todas as violências
fustigado exposto aos animais
arrastado em camisa com a corda ao pescoço
regado a petróleo.
Aguardei depois a salmodia do auto de fé
bebi urina, fui espezinhado, traído, vendido
engoli escrementos
e consegui a força de falar
mais alto que os rios
mais forte que as tempestades.

O CARCEREIRO

Ainda se ri de nós, este preto de merda.
Está doido de todo.
Toma, toma para aprenderes.

(Fustiga o Rebelde)

O REBELDE

Bate, bate comendador
bate até fazeres sangue.
Da carne retalhada há-de nascer um povo
que deixará de gemer.
Bate, bate até ficares cansado.

A CARCEREIRA

Que trampa. Que trampa esta raça de negros.
A pancada que lhe damos nem parece senti-la.
Não vejo marcas no corpo. *(Continua a bater).*
Finalmente sangra.

O CARCEREIRO

Está a tentar meter-nos medo.
Vamo-nos embora.

A CARCEREIRA

Não diz coisa com coisa, o miserável.
Dá vontade de rir. É impressionante
o vermelho do sangue sobre o negro da pele.

O REBELDE *(sobressalto)*

As mãos decepadas. O cérebro em farrapos.
A carne desfeita.
Para quê continuar sob esta chuva
de escorpiões venenosos?
Os tamanduás espantados e fora de tempo
devoram com a língua, nas pedras das cidades,
formigas de água-marinha.
As sarigueias procuram entre a junção dos equinócios
uma árvore rubra uma árvore de prata.
Uma vontade firme sacode-se na espessura lodosa
das fatalidades e nas intrigas
dos versos reluzentes.

(desfalece, gemendo)

A RECITANTE

Que noite. Que vento.
Dir-se-ia que noite e vento lutam entre si furiosos.
Grandes massas de sombra desfazem-se contra
os panos do céu
e os cavalos do vento atiram-se no voo chicoteado
dos seus milhares de albornozes.

(O vento arrasta consigo fragmentos de espirituais negros)

O REBELDE

Tudo se apaga. Tudo se destrói.
Agora o que me importa são os céus memoráveis
só me resta uma escada para descer
de degrau em degrau
uma pequena rosa dum archote roubado
um pequeno odor a mulheres despidas
um país de explosões fabulosas
uma gargalhada de bancos de gelo
um colar de pérolas meio desesperadas
um calendário antigo
o sabor a vertigem o luxo do sacrilégio
opíparo.
Reis magos
olhos protegidos por três filas de pálpebras
tufadas
sal de meios-dias de cinza
a destilar, silva após silva, um magro serpenteio
uma pista selvagem
jazigo de lamentos e de esperas
fantasmas surpreendidos entre os círculos loucos
das rochas de sangue negro
tenho sede
uma sede que busca pela paz
e pela luz que viceja
mergulhei durante a estação inteira das pérolas
nos esgotos sem nada ver
e ardia.

A RECITANTE

Sob as pedras palpitam maldições
que trespassam o caminho com o olhar pesado
dos sapos; o céu sacode a ilha
com um barulho enorme e demencial;
ossos da desgraça rolam sobre a natureza;
uma noite infecta e peganhenta
dá a volta ao mundo.

O CORO

Recordo o amanhecer das ilhas
a manhã que se amassava em amêndoa e vidro
os tordos que sorriam sobre as árvores de grão
e o melaço que tinha um cheiro amável
na manhã de frutos.

O REBELDE

Procuro nos sinais da minha força
uma unidade na selva de sinais dum enorme rebanho
e afundo os joelhos nas altas ervas do sangue.
Pobres deuses, rostos complacentes
braços demasiado longos
expulsos dum paraíso de rum
mãos cobertas de cinza visitadas por morcegos
e matilhas sonâmbulas.
Que as chamas se levantem e iluminem a catástrofe.
Sangrei por corredores secretos sobre o chão enorme
e aberto das batalhas.

Agora avanço como uma mosca sem brilho
insecto gigante agressivo e voraz
com seus dentes de serra
atraído pelos sucos do meu próprio esqueleto,
herança do meu corpo assassinado e violento
entre as traves do sol.

O RECITANTE

Decepado, disperso
entre terras e balsas
poema desventrado
emigração de pombos a arder em álcool.

A RECITANTE

A ilha sangra.

O RECITANTE

A ilha sangra.

A RECITANTE

Beco de miséria, solidão,
ervas que apodrecem.

O REBELDE

Caimão archotes e bandeiras
e o Amazonas de pé com suas árvores gigantes
e as luas que caem como sementes aladas

no humus tépido do céu
a minha alma navega em pleno coração da tormenta
lá onde despontam estranhos monogramas
um pénis de afogado uma tíbia um esterno.

(nesta altura a prisão é invadida por enormes sombras de alucinação e pela realidade sombria dos pesadelos)

PRIMEIRA VOZ SUBTERRÂNEA

Rei.

SEGUNDA VOZ SUBTERRÂNEA

Ergue-te ó rei.

PRIMEIRO MURMÚRIO

Cavalos da noite.

SEGUNDO MURMÚRIO

Levem-no daqui.

O REBELDE

Julgaram apanhar-me como se apanha
a corça e o filho mais pequeno
julgaram arrancar-me como uma raiz seca.

Entre altas margens de sal, entre as gargantas,
palavra que te insinuas,
palavra que reclamo, sinuosa,
enquanto puxo de longe a tua recolha
de coisas pacientes arrancadas ao abismo.
Tu, boca,
nome ensurdecido de ferida enorme.

(Pausa)

Éguas de fogo, conseguirei eu,
no íntimo do fôlego, eriçar-vos as crinas?
Meus heróis desgraçados.
Os que chegavam, vindos do Daomé,
trazendo como único tesouro
a boca fechada com fórmulas primárias
a ciência das ervas o rigor de morrer
altos senhores do tambor
Os do Congo espasmódico
(a nossa vida — Mayumbé com teus dentes congoleses
mordida já o bastante pela sorte cega e surda).
Os que atravessaram altas florestas, vastos desertos
e acima de tudo o mar imenso
para chegarem aqui.
Os que o harmatão mordeu e os alíseos fustigaram
e depois a vergonha, a dor a raiva
e o escarro maior que o mar.
E vós, cavaleiros da enxada,
princesas do vetiver
paladinos do alfange.
(Ibos, vida nossa — Ibibio que não cansaste

ainda de nos pores ao pescoço o teu colar
de pântanos, de rios e de limos espessos).
Desordem, aventura da sede, olvido que se traga
sem se chegar ao fim.
Eis os guerreiros, os escravos, os gentios,
os feiticeiros, sangue meu, tesouro de espinhos salvo,
imagem plena, sangue total, omnisciente e leal sangue
e vocês, camaradas,
homens do canal e da piroga
cegadores e mulheres do cais
(vida nossa — selva perdida que tu — Fortuna — puseste
a saque, e transformaste em ervas de cinza, tristes
ervas secas humilhadas).
Tantos caminhos em vão
tantas águas passadas
tantas terras movidas
tantas margens fugazes
e eis-me agora reduzido a nada
só — e em verdade convosco
eis-me no meio da estrada
com os pés cobertos de lama, parado,
e o calor aperta
trato das feridas e antes de volver ao caminho
ergo a cabeça para o centro do céu.
Hora clara espiada pelas esfinges
é bem este o lugar.
Contra ti, Tunel que nos pesas com tuas balanças de pó,
com a água filtrada desta voz eu farei peso,
pois aquilo que também abre o caminho
é o grito esmagado nos côncavos de lama
da fiel e espectante jazida.

É preciso que se saiba: se a escolha fosse possível
Tenebrosa — Memória — fiel — Arado do futuro
eu edificaria este nome no vivo interior
da corrente.

(Pausa)

Digamos
três mulheres
a primeira que nos rasga com a espada
a vermelha que nos cobre com a herança
do seu sangue
a terceira, cuja voz ferida pelo sílex
consegui avivar humedecendo-lhe os lábios
e cantando-lhe o canto:
«Luz doce, tu és quem nos conduz».

(Pausa)

Eis a barreira
através da qual me experimento múltiplo e difícil
e tu, ritmo, fluxo de sempre, refluxo
de sempre,
nesta pedra negra e ingrata dabua
do sangue e resposta minha.

(Pausa)

Ergo-me e mantenho-me de pé
entre estas águas que arrastam ramos
lamas e serpentes.

Nos meus ouvidos ressoa o vento cinzento
das queixas,
para que me servem as queixas,
conheço a hora, as terras, as sementes.
À altura dum peito de homem
do alqueive do sol
continuo a dizer aquele que ergue
o belo milho da esperança.
Asa segura das germinações, chegou a hora.
Gleba amassada, água das comportas,
a hora chegou: estou pronto.

PRIMEIRA VOZ CELESTE

Girassóis de sombra, inclinai vossos rostos
de bússola na direcção do mais negro
dos minutos.

SEGUNDA VOZ CELESTE

Que me inventem torturas, e que a trompa soe
e o fio de corda.

O CORO *(subterrâneo)*

Esta é a minha mão.
Uma mão fresca, mão que esguicha sangue,
mão de sargaços e iodo
mão de luz, minha mão de vingança.

O REBELDE

Eis-me — deuses da terra, deuses bons,
na minha cara escalavrada corre o sussurro
da carne que palpita.

(Pausa)

Sobe do mar um rumor de cascos de cavalos
um arroto de afogado sai da pança verde do mar
um crepitar de fogo e de chicote,
gritos de assassinados.
É o mar que arde
ou será a estopa do meu sangue?
O grito... sempre este grito que se desfaz
em melancolia
e o rufar dos tambores e o vento que em vão
se dilata com o odor quente dos córregos bafientos
das árvores de pão, das açucareiras
e do bagaço infestado de mosquitos.
Terra minha mãe
agora descobri a tua linguagem de capa e espada
irmãos meus de pele negra e freio nos dentes
irmãos meus de pés à solta dentro da torrente
irmã minha a estrela cadente
irmão meu o vidro moído
irmão meu o beijo de sangue da cabeça cortada
na bandeja de prata
irmã minha a epizootia
irmã minha a epilepsia
meu amigo o milhafre
meu amigo o incêndio

todo o meu sangue explode no interior das veias
meu irmão o vulcão com sua barriga de armas
meu irmão o precipício sem rampas de canaviais
minha irmã a loucura das ervas de fumo
e de heresia
com pés de bordão e de cruzada
mãos de invernia e negação
de jujubeira perturbação e sol esventrado.

(O Rebelde começa a caminhar, a rastejar, a correr por selvas imaginárias, surgem guerreiros nus, um tam-tam soa ao longe).

A RECITANTE

Estrelas sem nome bailam. As savanas animam-se.
As chuvas fumegam.
Árvores desconhecidas caem, fulminadas.

O RECITANTE

Que está ela a dizer?

(Nesta altura a Rebelde levanta-se).

O REBELDE

As lagartas rastejam para dentro dos casulos do algodoeiro.
O alguidar da terra está vazio
mas o céu masca cal e ervas.
O céu suga punhais. Rei da Malásia

e da febre povoada de insectos
mastiga devagar o bétele.
Uma bala apodrece entre o sorriso
branco do meu filho.
Caminho entre picos de estrelas.
Caminho. Assumo. Abraço.

(O Rebelde cai por terra, de braços estendidos. Os tam-tans rebentam frenéticos sobrepondo-se às vozes).

O REBELDE

Seguro-me nas rampas do fogo,
os gritos das nuvens já não me bastavam.
Uivai tam-tans
uivai cães de guarda do alto dos portões
cães do nada
uivai a guerra do cansaço
uivai corações de serpente
uivai escândalos de estufa
uivai fúria de linfas
concílio de velhos medos
uivai naufrágios sem mastros
até à demissão dos séculos
e das estrelas.

O RECITANTE

O Rebelde morreu.

A RECITANTE

Morreu entre clerodendros perfumados.

O RECITANTE

Morreu entre o sisal que desponta.

A RECITANTE

Morreu em pleno interior das cabaças.

O RECITANTE

Morreu em pleno voo de archotes
em plena fecundação da baunilha.

A RECITANTE

Os segredos fechados nos poços da garganta
sobem com os sinos do sangue.
Mulheres possuídas erguem suas mãos de sabão
aos quatro cantos do pântano
de coração vermelho.
Novas sedes deslizam, luas quebradas à míngua
de água, com uma pedra na testa.

O RECITANTE

Khol sem moleza uma atmosfera indiferente
de porto vazio retira do milagre
um esgar precioso.
Uma bússola fenece, convulsa, na charneca
gamela de leite para o fim do mundo.

A RECITANTE

Os assassinos correm na floresta
com risos de nascente.
Rios sem sinais tramam uma aventura carnal
de virulentas viagens.
Sangue nómada que brincas com a morte
e com os nascimentos
desgasta com o fundo das pedras esburacadas
e a noite das idades
o riso mortal das múmias cavernosas.

O RECITANTE

Desabai torres de vigília.

A RECITANTE

Desabai, mais abaixo que as pedras,
torres da vingança.

O RECITANTE

Plantas parasitas, plantas venenosas
plantas ardentes, plantas canibais,
plantas incendiárias, verdadeiras plantas,
tecei em grossas gotas
vosso serpentear imprevisto.

A RECITANTE

Luz decomposta em cada esplendor avaro
carregação de peixes de ouro,
frutos exaustos
rio que me vem desaguar à boca
fulminada.

O RECITANTE

Orgia, orgia, água divina, astro de carnes opulentas
vertigem ilhas anilhas de frescura
nos ouvidos das sereias submersas
ilhas moedas caídas
da bolsa das estrelas.

O CORO

Fervilhar de larvas, talismãs sem valor
ilhas
terras silenciosas
ilhas mutiladas.

O RECITANTE

Caminho ao vosso encontro.

A RECITANTE

Ilhas, caminhamos ao vosso encontro
Ilhas, nós somos também ilhas.

(O Recitante e a Recitante começam a vacilar e em seguida afundam-se lentamente. O Coro vai recuando e sai de cena. Visão de Caraíbas azuis semeadas de ilhas de ouro e de prata na cintilação da aurora).

TEATRO | 1

A colecção TEATRO da Di
dupla finalidade: dar a conhe
antes do 25 de Abril, eram im
representados (quiçá de serem publicados) e ser uma colecção de trabalho para aqueles que, profissionalmente ou não, praticam o teatro. Daí a razão da sua apresentação gráfica, concebida de modo a que os trabalhadores de teatro, antes de tudo, a possam utilizar como instrumento de trabalho e cultura.

E OS CÃES DEIXARAM DE LADRAR

Pela primeira vez no nosso país surge uma peça de Aimé Cesaire, uma das maiores figuras literárias da África Negra. E OS CÃES DEIXARAM DE LADRAR é um hino, simultaneamente heróico e poético, ao guerrilheiro negro cuja vida foi consumida na libertação da sua raça e da sua terra. A grandeza poét
Cesaire, que Armando da Silva
bem soube transmitir nesta su
marca assim um momento alto na
rária dos povos negros.